

PRONÚNCIA EM LÍNGUA INGLESA NA EJA: PRÁTICAS E REFLEXÕES A PARTIR DO PIBID

MARA BEATRIZ VILELA DA SILVA¹; ISABELLI REIS SOUSA²; CARIM LUCIANE RODRIGUES³;

LETÍCIA STANDER FARIAS⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – mbdiasdasilva1410@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – isabellireissousa@gmail.com

³EMEF Olavo Bilac – carimluciane@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – leticiastander@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar reflexões e discussões sobre o ensino da pronúncia em Língua Inglesa, no ensino fundamental, com foco na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A proposta parte da vivência das docentes como bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) em uma escola da rede pública do município de Pelotas/RS. As análises baseiam-se na revisão de estudos teóricos, nas observações realizadas pelas professoras em formação e nas percepções manifestadas pelos próprios estudantes através de um questionário aplicado em sala de aula.

No que se refere à Educação de Jovens e Adultos (EJA), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9.394/96) a concebe como uma modalidade de ensino destinada a jovens e adultos que não tiveram acesso ou continuidade de estudos na idade escolar adequada. Mais do que apenas compensar uma deficiência social, a LDB assegura a EJA como um direito fundamental garantido pela Constituição Federal, visando proporcionar a essas pessoas a oportunidade de concluir sua formação educacional e, assim, promover sua plena inclusão social.

Em relação ao aprendizado de inglês nesse contexto, MEDEIROS; FONTOURA (2019) apontam alguns obstáculos, como períodos curtos de aula, dificuldades na língua materna, o cansaço dos alunos que trabalham por oito horas durante o dia e estudam à noite, além da preocupação maior com outras disciplinas, como Língua Portuguesa e Matemática. Outros fatores importantes são a variedade da bagagem emocional, de idade e realidade social dos alunos envolvidos, além do período em que cada um ficou sem frequentar a escola, e a falta de contato com a língua estrangeira.

Quanto ao trabalho com a pronúncia da Língua Inglesa, SILVA (2010) destaca que fatores afetivos podem exercer influência significativa no sucesso dos alunos em suas produções orais. O aluno que manifesta antipatia ou resistência diante de novas regras de pronúncia tende a enfrentar maiores dificuldades nesse processo. No contexto da EJA, é comum que muitos estudantes se sintam ansiosos e envergonhados por estarem retornando ao ambiente escolar. Quando se deparam com o professor de inglês falando de maneira que descrevem como “enrolada”, relatam sentir-se profundamente inseguros, chegando a acreditar que nunca serão capazes de pronunciar aquelas palavras ou frases, por considerarem tal habilidade além de suas capacidades.

Com base na fundamentação teórica, na experiência vivenciada pelas docentes através do PIBID, e ponto de vista dos alunos, no tópico a seguir trataremos da análise dos resultados.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

O presente trabalho parte de estudos teóricos sobre o ensino-aprendizagem de pronúncia nas aulas de inglês para, em seguida, relacionar esse embasamento com a experiência das professoras como bolsistas do PIBID, subprojeto Língua Inglesa, e com o relato dos estudantes da EJA.

No que diz respeito à revisão bibliográfica, MEDEIROS; FONTOURA (2019) falam sobre o ensino da língua inglesa aos alunos da EJA, enquanto SILVA (2010) discorre especificamente sobre o trabalho com a pronúncia nesse contexto.

Sabe-se que a EJA integra a estrutura da educação básica no Brasil, contudo, apresenta particularidades que demandam um currículo distinto daquele proposto para as séries regulares. Essa diferenciação é necessária para atender às especificidades do seu público-alvo, que possui trajetórias escolares e experiências de vida diversas, como foi apontado por MEDEIROS; FONTOURA (2019). Ao analisar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), verifica-se que, apesar de o documento abranger a educação básica em sua totalidade, ele não estabelece diretrizes específicas voltadas à EJA. A BNCC limita-se a afirmar que seus fundamentos são aplicáveis a crianças, jovens e adultos, sem, entretanto, propor um programa curricular próprio para essa modalidade de ensino.

No que diz respeito ao trabalho com oralidade, SILVA (2010) afirma ser evidente a vergonha que os estudantes sentem ao serem convidados a pronunciar individualmente uma palavra ou frase diante da turma. Portanto, é recomendável que, em um primeiro momento, as sentenças sejam pronunciadas coletivamente. Caso o professor não esteja atento a essas particularidades, podem, inadvertidamente, contribuir para a evasão escolar desses alunos, pois muitos, ao se sentirem expostos e menosprezados em sala, acabam abandonando os estudos e não retornam à escola.

Nesse sentido, a autora sugere que os educadores estabeleçam uma relação entre a disciplina e o contexto sociocultural dos estudantes. Para isso, o conteúdo deve ser constantemente contextualizado com práticas do cotidiano, estimulando a participação ativa dos alunos e trazendo os temas para a sala de aula de forma dinâmica e desafiadora. A dinamicidade refere-se ao trabalho com tópicos relacionados à profissão, família, verbetes presentes em computadores e na *Internet*. O caráter desafiador, por sua vez, está na proposta de incentivar os alunos a pronunciarem palavras em inglês e a praticar a disciplina tanto em sala de aula quanto em seu dia a dia.

A partir das sugestões de SILVA (2010), planejamos atividades para serem aplicadas em uma turma de 7ª etapa da EJA em uma escola da rede municipal de ensino de Pelotas/RS. O planejamento também se baseou no método comunicativo de ensino de línguas. Um dos aspectos mais característicos dessa abordagem é que ela dá uma atenção sistemática tanto para os aspectos funcionais quanto para os aspectos estruturais da língua, combinando estes em uma visão comunicativa mais completa (LITTLEWOOD, 2001, p.1). No que se refere à pronúncia, a orientação dessa abordagem é fazer com que o aluno seja capaz de se comunicar de maneira inteligível com outros falantes na língua-alvo.

Assim, a abordagem comunicativa não busca a pronúncia “perfeita”, mas sim a inteligibilidade.

A atividade desenvolvida teve como objetivo a revisão de conteúdos previamente abordados com a turma, integrando os temas “clima/tempo” e “vestuário”. Inicialmente, realizou-se uma prática coletiva de pronúncia de palavras e frases construídas a partir das respostas dos alunos a perguntas norteadoras. Em um segundo momento, as professoras realizaram uma encenação como modelo, demonstrando aos estudantes de que forma a atividade poderia ser executada em duplas ou pequenos grupos.

Durante a atividade, uma estudante com mais de 50 anos demonstrou surpresa ao perceber sua própria capacidade de pronunciar corretamente palavras em inglês. Também se observou a participação de alunos mais tímidos, que geralmente não interagiam em sala de aula, mas que, nessa ocasião, envolveram-se ativamente. Ao final da aula, todos os estudantes mostravam-se engajados, interagindo entre si e até mesmo construindo pequenas frases em inglês para descrever ações do cotidiano.

As percepções dos estudantes foram aprofundadas por meio das respostas a um questionário que abordou três aspectos principais: a experiência prévia com a língua inglesa, o foco na pronúncia e as sugestões para o aprimoramento das aulas.

No que se refere à experiência com a disciplina, a maioria dos alunos relatou já ter tido contato prévio com a língua inglesa em contextos extraclasse, sobretudo por meio de músicas, filmes, séries e redes sociais. Além disso, grande parte demonstrou interesse em aprofundar o aprendizado do idioma. As principais dificuldades identificadas concentram-se na compreensão oral, na leitura e na produção oral, com destaque para os desafios relacionados à pronúncia adequada.

No que se refere às dificuldades relacionadas à produção oral, os principais obstáculos apontados foram a discrepância entre a forma escrita e a pronúncia das palavras — influenciada pelo conhecimento prévio do português —, a falta de prática, a vergonha de cometer erros e o receio de falar em público. Ainda assim, a maioria dos estudantes relatou sentir-se mais à vontade para repetir palavras em inglês durante as aulas quando essa atividade é realizada em conjunto com o professor. Além disso, muitos demonstraram interesse em aprimorar a pronúncia por meio do uso de músicas em inglês.

Os resultados evidenciaram não apenas o entusiasmo da turma em praticar a língua inglesa em contextos significativos, mas também a relevância de estratégias que valorizem a oralidade e favoreçam a autoconfiança. As percepções registradas indicam que a prática da pronúncia, quando conduzida de forma colaborativa e contextualizada, contribui para superar barreiras relacionadas ao medo de errar e ao receio de se expor, reforçando a importância de metodologias que aproximem o aprendizado das experiências reais dos alunos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos com a aplicação das atividades de pronúncia na EJA evidenciam o potencial transformador de práticas pedagógicas contextualizadas e sensíveis às especificidades do público jovem e adulto. A partir da integração entre teoria e prática, observou-se que, mesmo diante da resistência inicial dos

alunos quanto à oralidade, houve um envolvimento crescente ao longo da atividade, com destaque para a participação ativa de estudantes normalmente tímidos e a surpresa positiva de uma aluna ao perceber sua própria capacidade de pronunciar palavras em inglês. Esses dados demonstram que, quando bem planejadas, atividades voltadas à prática da pronúncia podem promover a autoconfiança, estimular o uso da língua estrangeira e contribuir para o fortalecimento do vínculo dos estudantes com o processo de aprendizagem.

A abordagem comunicativa mostrou-se eficaz nesse contexto, pois prioriza a inteligibilidade e valoriza o uso funcional da língua, respeitando as trajetórias e ritmos individuais dos aprendizes. Essa perspectiva se mostra alinhada às orientações de SILVA (2010), ao propor atividades que dialoguem com a realidade dos alunos e promovam situações comunicativas autênticas e significativas.

Com base nas respostas dos estudantes, é possível concluir que há um interesse significativo em aprender e praticar a pronúncia da língua inglesa, especialmente quando os conteúdos estão relacionados ao cotidiano e aos interesses pessoais dos alunos. Apesar das dificuldades apontadas, como a vergonha de errar e a interferência da língua materna, os dados revelam que, quando bem conduzida, a prática da oralidade pode se tornar uma experiência positiva e motivadora. As sugestões oferecidas pelos próprios estudantes reforçam a importância de estratégias didáticas que favoreçam a participação ativa, o trabalho coletivo e o uso de recursos próximos à realidade dos alunos, como músicas e vocabulário funcional, reafirmando a necessidade de um ensino de inglês mais contextualizado e inclusivo na EJA.

Durante a intervenção em sala de aula como bolsistas do PIBID, enfrentamos desafios relacionados à ausência de diretrizes específicas da BNCC para a EJA e à dificuldade de muitos alunos em lidar com a oralidade devido à insegurança e ao medo da exposição. No entanto, a experiência também trouxe importantes lições, como a relevância do planejamento pedagógico pautado no contexto sociocultural dos estudantes e a necessidade de escuta sensível e acolhimento em sala de aula. Essa vivência fortaleceu o entendimento de que a prática docente na EJA exige flexibilidade, empatia e inovação constante, aspectos essenciais para tornar o ensino da língua inglesa mais inclusivo, significativo e acessível a todos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

LITTLEWOOD, William. *Communicative Language Teaching*. Cambridge: **Cambridge University Press**, 2001.

MEDEIROS, L. M.; FONTOURA, H. A.. As dificuldades do ensino de Inglês na Educação de Jovens e Adultos na perspectiva de professores que atuam na área. **Polyphonia**, Goiânia, v.30, n.1, p.68-84, 2019.

SILVA, M. M. O ensino da língua inglesa aos alunos da EJA. **Vida de Ensino**, v. 2, n. 2, 2010.